

EVOLUÇÃO DO COMPORTAMENTO LEITOR E DOS NÍVEIS DE COMPREENSÃO EM LEITURA

Giselle Chrystien Sobreira da Silva Pereira¹, Raúl Cesar Gouveia Fernandes
Ciências Sociais e Jurídicas, Centro Universitário FEI
giselle.chrystien123@gmail.com, rcesar@fei.edu.br

Resumo: O estudo visa a analisar a evolução dos hábitos de leitura e dos níveis de compreensão leitora de universitários ao longo do curso superior. Para tanto, foram colhidas informações sobre alunos dos 3º, 5º e 7º ciclos de todos os cursos da FEI. Os resultados indicam que, de modo geral, a frequência ao curso superior não vem exercendo influência positiva ou significativa nos hábitos de leitura (quantidade de obras lidas por ano) e nas competências de leitura (resultados do teste de compreensão em leitura) dos participantes.

1. Introdução

A leitura é uma ferramenta essencial para estudantes, pois ela proporciona acesso a novos conhecimentos, aperfeiçoa a comunicação e a capacidade de pensamento crítico. No ensino superior, sua importância é ainda maior, sendo essencial para a compreensão de conceitos e atualização profissional.

Por isso, o presente estudo tem por objetivo verificar se a universidade está favorecendo ou não a consolidação dos hábitos e competências de leitura de seus estudantes.

2. Metodologia

Foram coletadas informações sobre alunos do 3º, 5º e 7º ciclos da FEI (Administração, Computação e Engenharia). Os dados foram obtidos através de: a) questionário *online* sobre o perfil dos estudantes e seus hábitos de leitura, em grande medida baseado na versão de 2019 da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (RLB) [1]; b) teste de compreensão em leitura, estruturado a partir da crônica “Desentendimento”, de Luís Fernando Veríssimo, já usado em outros estudos [2 e 3], o que permite realizar comparações dos resultados.

Para o teste de compreensão em leitura foi utilizada a técnica Cloze, a qual consiste em suprimir determinadas palavras de um texto, criando lacunas que devem ser preenchidas pelos participantes [4]. Com base na proporção de acertos, os estudantes foram classificados em três níveis: frustração (44% dos acertos), instrucional (entre 44% e 56%) e proficiente (mais de 56%) [5].

O presente projeto de pesquisa foi aprovado em Comitê de Ética (CAAE: 56591622.2.0000.5477, Parecer No. 5.427.304) e todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3. Resultados e Discussão

Participaram do estudo um total de 314 estudantes, matriculados nos 3º, 5º e 7º ciclos dos cursos de Administração, Computação e Engenharia da FEI (respectivamente indicados pelas siglas A, C e E). A tabela I contém as quantidades de participantes discriminados por curso e ciclo.

Tabela I: Quantidade de participantes (por curso e ciclo)

Ciclo	Curso			Total
	A	C	E	
3	33	41	52	126
5	22	28	40	90
7	20	30	48	98
Total	75	99	140	314

Com relação aos hábitos de leitura, constatou-se que 70,2% dos estudantes podem ser considerados leitores segundo a definição proposta pela RLB, na qual considera-se leitor aquele leu pelo menos 1 livro (mesmo que não inteiro) nos últimos 3 meses [1]. O índice é semelhante ao identificado na mesma pesquisa para os brasileiros que já concluíram ou ao menos iniciaram um curso superior, que foi de 68% de leitores em 2019.

Sobre a quantidade de obras lidas, a média geral ficou em 6,2 livros/ano, índice superior ao registrado pela RLB para o conjunto da população brasileira, que foi de 4,95 obras (completas ou em partes) por ano [1]. Dado que a pesquisa de escala nacional não apresentou dados relativos à parcela da população com nível superior, não é possível tecer comparações acerca deste aspecto.

Como em outras pesquisas [3, 6], os resultados do presente levantamento indicam que o público feminino lê mais que o masculino: dentre os participantes da FEI, as mulheres leram em média 10 obras por ano, ao passo que os homens informaram ler apenas 4,8 livros no mesmo período.

Quanto à evolução da quantidade de obras lidas ao longo do curso, a pesquisa detectou tendência a decréscimo entre os diferentes ciclos. Tal resultado é relevante e permite levantar a preocupante hipótese de que a frequência ao curso superior não venha exercendo influência positiva sobre os hábitos de leitura dos estudantes. A exceção à tendência geral foi o curso de Administração, como se pode depreender pela tabela II.

Tabela II: Quantidade de livros lidos / ano

Ciclo	Curso			Total
	A	C	E	
3	5,7	5,3	9,6	7,2
5	5,3	5,4	5,2	5,3
7	10	1,7	5,3	5,2
Total	6,7	4,3	6,9	6,2

O principal motivo para essa queda parece ser a falta de tempo dos alunos, já que os que não trabalham apresentam média de leitura superior aos que exercem atividades profissionais. De toda forma, espera-se que futuros estudos sobre o tema possam aprofundar a compreensão deste dado, visto ser possível que mudanças nos hábitos de estudo ao longo dos cursos talvez interfiram sobre os índices de obras lidas por ano. Além disso, é importante analisar também as distintas práticas de estudo possivelmente existentes entre as diferentes carreiras, o que pode explicar, por exemplo, o fato de alunos de Computação lerem menos que os demais.

Quanto ao nível de compreensão leitora, diferentemente da expectativa dos autores, os índices de acertos no teste realizado não apresentaram variações significativas nos diferentes cursos e ciclos, como indicado na tabela III. Isso sugere que as competências de compreensão em leitura não estão sendo aperfeiçoadas ao longo dos cursos, uma vez que alunos de ciclos mais adiantados não apresentam resultados superiores aos de ciclos iniciais.

Tabela III: Resultados do teste de Cloze (porcentagem de acertos)

Ciclo	Curso			Total
	A	C	E	
3	53	50	52	52
5	51	52	55	53
7	52	47	53	51
Total	52	50	54	52

A média geral de acertos ficou na casa dos 50% para os participantes de todos os ciclos e cursos, o que indica nível intermediário ou instrucional de compreensão [5], resultado inferior ao desejável para universitários, mas compatível com o de estudos anteriores, baseados em metodologias semelhantes às aqui aplicadas [2 e 3].

Considerando os resultados gerais, nota-se que 18% dos participantes ficaram situados no nível mais baixo da escala, o de “frustração”; por outro lado, foram 36% os conseguiram atingir o nível de proficiência, o mais alto da escala. Assim, o grupo mais numeroso foi o dos que ficaram no nível intermediário (46% dos participantes).

Embora preocupantes, tais constatações também não se afastam muito do indicado por outra pesquisa realizada em escala nacional, conduzida com metodologia muito distinta da aqui empregada: segundo o Indicador de Alfabetismo Nacional (INAF), apenas pouco mais de um terço dos brasileiros com nível superior completo ou incompleto foram classificados no nível de proficiência, o mais alto da escala utilizada pelos responsáveis da pesquisa [7].

4. Conclusões

Os resultados contrariam as hipóteses iniciais, demonstrando que o curso superior não parece exercer influência positiva sobre os hábitos e as competências de leitura dos estudantes da FEI, uma vez que a quantidade de obras lidas por ano diminui ao longo do curso e os

resultados do teste de compreensão em leitura são semelhantes entre os alunos do 3º, 5º e 7º ciclos.

Ainda que o dado relativo à quantidade de obras lidas possa ser explicado pelo fato de os estudantes de ciclos mais avançados tenham iniciado atividades de estágio, o que compromete o tempo disponível para a leitura, causam muita preocupação os resultados do teste de compreensão leitora: como explicar que alunos concluintes não demonstrem capacidades superiores de compreensão leitora, quando comparados com os alunos recém-ingressados na universidade?

Esta descoberta levanta questionamentos essenciais acerca da eficácia do trabalho pedagógico realizado nos cursos e em que medida eles estão cumprindo sua função formar cidadãos independentes, críticos e capazes de aprender autonomamente. Importante destacar que tal tendência provavelmente não seja exclusiva à FEI, ainda que a constatação de resultados semelhantes em outras instituições dependa de mais estudos na área.

5. Referências

- [1] FAILLA, Zoara. **Retratos da leitura no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Sextante, 2021.
- [2] SANTOS, A. A. A. et al. O teste de cloze na avaliação da compreensão em leitura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 3, 2002, p. 549-560.
- [3] FERNANDES, R. C. G.; JANNUCCI, L. F.; GERAB, F. Leitura e rendimento acadêmico na transição para a universidade: um estudo de campo. **Notandum**, n. 51, 2019.
- [4] TAYLOR, W. L. Cloze procedure: a new tool for measuring readability. **Journalism Quarterly**, n. 30, 1953, p. 434-438.
- [5] BORMOUTH, J. R. Cloze test readability: criterion reference scores. **Journal of Educational Measurements**, v. 5, n. 3, 1968, p. 189-196.
- [6] OCDE. **Pisa em Foco**. Núm 8/2011: Os estudantes de hoje leem por prazer? Disponível em: <https://www.oecd.org/pisa/pisaproducts/pisainfocus/48869332.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2023.
- [7] AÇÃO EDUCATIVA / INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **INAF Brasil 2018**: resultados preliminares. São Paulo: Ação Educativa / IPM, 2018.

¹ Aluna de IC do Centro Universitário FEI Projeto com vigência de 05/2022 a 04/2023.